

REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DADO PELA LINGUAGEM AO "SUJEITO-EMPRESA"^{1*}

REFLECTIONS ON THE ROLE GIVEN BY LANGUAGE TO THE "MAN-ENTERPRISE"

Angela Brambilla Cavenaghi Themudo Lessa²
Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(angelabcavenaghilessa@gmail.com)

Grassinete C. de Albuquerque Oliveira³
Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(grassinete@hotmail.com)

Amanda Mont'Alvão Veloso Rabelo⁴
Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(amanda.monveloso@gmail.com)

Brenda Sousa Santos⁵
Graduada em Fonoaudiologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(brendasousa1994@hotmail.com)

Flávia Rodrigues Andrade⁶
Graduada em Fonoaudiologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(flaviar.andrade@outlook.com)

¹Artigo desenvolvido a partir das discussões realizadas na disciplina "Panorama Histórico da Linguística Aplicada: questões teóricas e metodológicas", no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem da PUC-SP, com fomento das agências Capes e CNPq.

² Pós-doutora em Estudos Linguísticos – UNICAMP.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8694-2319>.

³ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2765-8705>

⁴ ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6586-4174>

⁵ Mestranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1844-5521>.

⁶ Mestranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3976-7076>.

RESUMO: Tomar a linguagem enquanto prática social significa estudar a sociedade e a cultura das quais ela é e faz parte, observando as mudanças instituídas nas relações sociais, culturais e profissionais. Desta forma, é preciso olhar os efeitos de práticas discursivas sobre o processo de construção de sentidos. Tendo em vista as articulações e interações com outros campos de conhecimento que marcam a Linguística Aplicada contemporânea, o objetivo deste artigo é refletir sobre as marcas estabelecidas pela linguagem atual no cenário de desemprego que caracteriza o Brasil, em uma abordagem qualitativa. Para a análise foi utilizada uma notícia veiculada pela imprensa brasileira na qual a perda do emprego, um acontecimento coletivo, é colocado como oportunidade para o empreendedorismo, em uma resposta individual. Discutimos uma nova subjetivação de homem — um indivíduo que passa a se portar como uma empresa —, demonstrada via linguagem e cuja gênese é o neoliberalismo das décadas de 1980 e 1990. A partir da perspectiva da Linguística Aplicada e da transdisciplinaridade com a Sociologia e a Filosofia, procuramos desvelar o que este discurso empreendedorista obscurece considerando o contexto brasileiro.

Palavras-chave: Linguagem. Desemprego. Empreendedorismo.

ABSTRACT: To taking language as a social practice means to study the society and culture of which it is a part of, observing the changes instituted in social, cultural and professional relations. In this way, it is necessary to look at the effects of discursive practice on the process of construction of meaning. Given the connections and interactions with other fields of knowledge that mark contemporary Applied Linguistics, the aim of this article is to reflect on the marks established by the current language in the unemployment scenario that characterizes Brazil, in a qualitative approach. For the analysis, we used a news item from Brazilian press in which the loss of a job, a collective event, is placed as an opportunity for entrepreneurship, in an individual response. We discuss a new subjectification of man — an individual who starts to behave like a company —, demonstrated through language and whose genesis is the neo-liberalism of the 1980s and 1990s. From the perspective of Applied Linguistics and of transdisciplinarity with Sociology and Philosophy, we seek to unveil what this entrepreneurial discourse obscures considering the Brazilian context.

Keywords: Language. Unemployment. Entrepreneurship.

Introdução

O campo da Linguística Aplicada (LA) tem se dedicado ao estudo da linguagem enquanto prática social, compromissado com investigações que possam contribuir para a solução de problemas sociais relevantes. Este investimento nas questões práticas da sociedade torna essencial a este campo o diálogo com outras áreas de conhecimento, visto que tomar a complexidade e diversidade envolvidas nas problemáticas estudadas por um único viés, no caso a área da Linguística, seria insuficiente (CELANI, 2004; ROJO, 2006).

Diversos pesquisadores deste campo (CELANI, 2004; FABRICIO, 2006; ROJO, 2006; e outros) entendem a transdisciplinaridade como característica fundamental da

pesquisa em LA. Celani (2004) atenta para a diferença entre os conceitos de transdisciplinaridade e de multi/pluri/interdisciplinaridade. Enquanto estes últimos se referem à colaboração de disciplinas plurais no estudo de um objeto, a transdisciplinaridade não tem relação com a contribuição de áreas, mas sim com a participação ativa e interação dos pesquisadores das áreas envolvidas num estudo. Assim, emerge o modo como cada área afeta e é afetada pelo estudo do objeto em questão marcando a interação como condição da transdisciplinaridade.

A pesquisadora esclarece ainda que, neste fazer transdisciplinar em LA, há a coexistência de um estado de justaposição dentre os diferentes campos que se relacionam com a linguagem, que participam ativamente na produção do conhecimento e de mudanças na sociedade. Assim, tem-se uma problemática transversal, que vai além do que cada área isoladamente tem a oferecer.

Trata-se, essencialmente, de um diálogo, em que há reflexão envolvida. Nesse sentido, a autora destaca que a LA tem vocação para a atitude transdisciplinar, colocando-se como um campo mediador de mudanças na relação com a coletividade, contando também com a participação desta coletividade no processo.

Diferentes abordagens teóricas coexistem na Linguística Aplicada. Rojo (2006) destaca a vertente sócio-histórica nesta área, afirmando que esta buscou seus instrumentos iniciais de reflexão da psicologia social de Vygotsky e de seus seguidores. Nesta abordagem, o sujeito cognitivo/organismo mental é afastado, dando lugar para o sujeito do discurso. Embora não se tenha abandonado totalmente o sujeito psicológico colocado em perspectivas anteriores de trabalho na LA, ele passa a ser um sujeito psicológico historicizado, ou seja, sujeito sócio-histórico.

Tomar a linguagem enquanto prática social significa estudar a sociedade e a cultura das quais ela faz parte. Neste sentido, entende-se que práticas discursivas não são neutras; e que há na contemporaneidade muitos sistemas semióticos em jogo no processo de construção de sentidos (FABRÍCIO, 2006). Desta forma, um discurso recorrente na sociedade ocidental contemporânea, especialmente no Brasil, chama-nos a atenção.

Trata-se do incentivo ao empreendedorismo como solução ao desemprego, evidenciando um gesto individual aplicado a um problema coletivo. O empreendedorismo

supostamente teria o poder de conferir lugar de existência ao sujeito no neoliberalismo, marcando uma nova forma de subjetivação, como sustentam Dardot e Laval (2016).

Tendo em vista os referenciais teóricos da LA anteriormente descritos, e a necessária articulação e interação com outros campos de conhecimento, como a Filosofia, a Sociologia e a História, este artigo indaga sobre as mudanças sociais e reposicionamentos dos sujeitos informados pela linguagem.

Para esta reflexão, tomamos por objeto uma notícia veiculada na seção Meu Negócio, do portal UOL (2017), sob o título **"Foi demitido? Aproveite a oportunidade para começar seu próprio negócio"**, na qual o desemprego é tomado como oportunidade para o empreendedorismo. Procuraremos desvelar o que este discurso obscurece considerando o contexto brasileiro.

Partindo do ponto de vista sócio-histórico, o que se pretende nessa reflexão é construir uma discussão sobre um aspecto característico da sociedade atual, possibilitada pelo cruzamento de referenciais teóricos da LA com outras áreas do conhecimento. Sob estes pilares, buscaremos questionar os efeitos da perspectiva empreendedorista, alimentada pelos canais de imprensa, frente ao desemprego no Brasil nos últimos cinco anos.

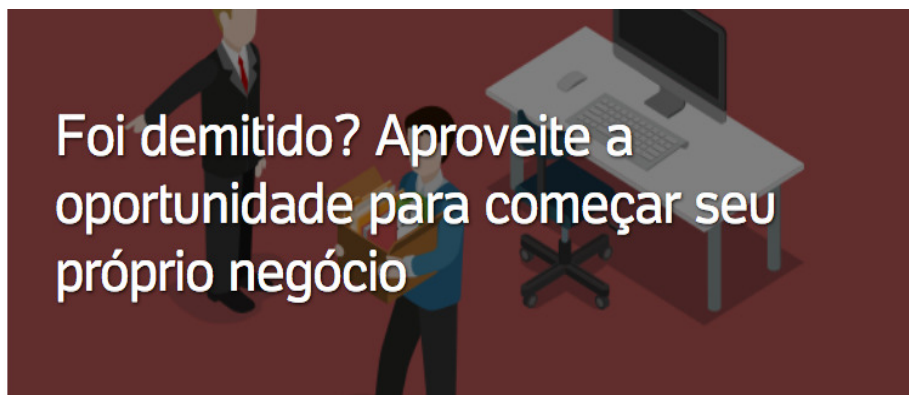
Tomaremos as considerações sustentadas por Dardot e Laval (2016) para refletir sobre a subjetivação de homens-empresa, termo utilizado pelos autores para caracterizar o indivíduo que se porta como empresa, demonstrada via linguagem e cuja gênese é o neoliberalismo das décadas de 1980 e 1990. Discorreremos sobre as implicações da economia como estatuto pessoal, na qual cada indivíduo como empresa deve gerir e produzir um capital. Por fim, procuraremos refletir sobre os efeitos nocivos desta subjetivação na qual o cidadão, ou seja, a instância individual, é responsabilizado por uma problemática coletiva.

O desemprego como oportunidade

Segundo levantamento feito pelo IBGE em maio de 2017, o Brasil contava com mais de 13,8 milhões de desempregados. Em equivalência ilustrativa, é como se todos os moradores de São Paulo, capital, — e alguns milhares de vizinhos — estivessem em busca de um emprego. A situação inspira preocupação coletiva e a imprensa dedica

reportagens ao assunto. É neste contexto que analisamos uma delas, veiculada na seção Meu Negócio, do portal UOL (2017), sob o título '**Foi demitido? Aproveite a oportunidade para começar seu próprio negócio**'. Trazemos na **Figura 1** o primeiro trecho da reportagem:

Figura 1: Aproveite o momento para empreender. Saiba como!



Aproveite o momento para empreender. Saiba como!

Em tempos de crise econômica, o número de demissões assusta. Segundo o IBGE, a taxa de desemprego chegou a 13,3% até maio de 2017 e já atinge mais de 13,8 milhões de brasileiros.

Se você, infelizmente, perdeu seu emprego e faz parte dessa estatística, pode encarar esse momento como uma oportunidade para começar o tão sonhado negócio próprio.

Foi o que aconteceu com Carol Targino. Depois de perder seu emprego como rádio-operadora em uma plataforma de petróleo, a empreendedora transformou sua paixão em profissão, criando a Art Fulô, que vende artigos de decoração e jardinagem artesanais e ecológicos.

Fonte: UOL Meu Negócio, 2017

Percebe-se, pela função conativa empregada na sentença 'Aproveite o momento para empreender. Saiba como!', que a reportagem pretende dirigir um serviço ao leitor. Chama a atenção a argumentação exposta na sequência e é sobre ela que tecemos nossas considerações:

"Se você, infelizmente, perdeu seu emprego e faz parte dessa estatística, pode encarar esse momento como uma oportunidade para começar o tão sonhado negócio próprio."

O infortúnio do desemprego, caracterizado pelo uso da palavra "infelizmente", é convertido em oportunidade. O ato de empreender, geralmente gestado pelo tempo, pela pesquisa e pelos cálculos, é alçado à condição de solução emergencial. Nesta perspectiva, é fundamental o levantamento de algumas questões: (1) seria possível, para qualquer pessoa, começar a empreender diante de uma situação de desemprego? (2) quais as possíveis consequências de desconsiderar os efeitos financeiros, sociais e subjetivos da perda de emprego, tornando individual uma problemática que é massiva no país?

Para além desses questionamentos, quando verificamos a linguagem empregada pelo gênero discursivo notícia, o estilo, o tema e a construção composicional dos enunciados empregados ocorrem mediante situações concretas (BAKHTIN, [1954] 2016) vivenciadas pelos leitores que, em dada situação sócio-histórico e cultural, comungam do problema econômico gerado pelo desemprego, mal que assola milhões de brasileiros pelo país.

Bakhtin ([1954] 2016) argumenta que nos comunicamos por meio de variados gêneros discursivos e que estes chegam a ser infinitos, pois toda atividade humana é inesgotável. O autor afirma que a notícia enuncia situações de produção como a finalidade, o interlocutor, a esfera comunicativa, o suporte textual e a posição em que se encontra o sujeito na comunicação; ou seja, ao veicular uma notícia sobre um tema atual e/ou acontecimento real, o teor informativo pode apresentar tipologias descritivas e narrativas ao mesmo tempo, de modo que espaço, tempo e personagens apresentados chamem a atenção do leitor.

Interessante lembrar que a notícia enunciada circula no ambiente digital, local em que o impresso, a escrita, a imagem e o áudio articulam diferentes modos de pensar as línguas/linguagens, as culturas, sendo que os recursos multissemióticos transmitem comunicação e informação de maneira rápida e eficiente, (inter)agindo e integrando pessoas em um mundo cada vez mais globalizado. Desse modo, a cultura das mídias, conforme proposto por Santaella (2003b, p. 27), obrigou-nos a sair da inércia da mera recepção das mensagens para exercer um papel mais ativo, na busca da informação que desejamos o que, no caso da notícia analisada, propõe uma alternativa para sair do desemprego.

Essa nova forma de interação recomenda um novo olhar na construção de sentidos e significados sobre o objeto noticiado. Ao combinar imagens e outros recursos visuais com a palavra escrita, verifica-se como as linguagens veiculadas nas mídias tornam-se poderosas ao articular diferentes gêneros discursivos para compor a mensagem. No caso da notícia em análise, ela não apenas transmite uma informação atualizada de um problema social real, como também atua no sentido de oferecer um produto, uma oportunidade para sair do desemprego – no caso, tornando-se empreendedor. Utiliza verbos no imperativo, imagem com cores fortes para chamar atenção, letras e fontes diferentes, e o subtítulo convida o leitor para tornar-se empreendedor, desde que continue a leitura da notícia.

Desse modo, a linguagem atua poderosamente como transmissão de informação e os recursos multissemióticos mobilizam novas formas de dialogar com o eu e o outro, de modo responsivo (BAKHTIN, [1954] 2016), além de engendrar novas identidades para representar o eu no espaço *on-line* (BARTON; LEE, 2015), a partir da realidade social, de contextos e sujeitos (in)definidos.

Solução individual para um problema coletivo

O cenário atual da questão do desemprego no Brasil não se diferencia muito de dois anos atrás. Segundo a agência de notícias do IBGE (2019), a taxa de desemprego no trimestre finalizado em agosto de 2019 foi de 11,8%, representando uma queda em relação ao trimestre finalizado em maio, quando a taxa era de 12,3%. Contudo, esse aumento na quantidade de pessoas trabalhando foi acompanhado por recordes nos níveis de informalidade, de acordo com informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), realizada pelo instituto. O Brasil ainda tem 12,6 milhões de pessoas em busca de trabalho (IBGE, 2019) e a questão do empreendedorismo ainda é um discurso fortemente difundido nos veículos de imprensa.

Neste sentido, fator preocupante no panorama do desemprego é que na informalidade estão os empregados desassistidos de direitos trabalhistas⁷ como o

⁷ Conforme previstos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), documento que rege as relações trabalhistas no Brasil.

cumprimento da jornada de trabalho estabelecida em contrato; o período de alimentação; o pagamento de férias, de décimo terceiro salário e de adicional noturno; o recolhimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e a concessão de benefícios opcionais como o vale-refeição e a coparticipação do contratante nos custos do plano de saúde (GROSS; FRIEDMAN, 2004 *apud* OLIVEIRA; LEONE, 2008).

O ano de 2019 registrou mais de 8 milhões de Microempreendedores Individuais (MEIs) no país, segundo dados do fechamento de março do Portal do Empreendedor, ligado ao governo federal, divulgados pelo portal de notícias G1 (ALVARENGA, 2019). Nos últimos cinco anos, o crescimento de cadastros superou 120%, representando a formalização de profissionais como cabeleireiros, vendedores, entregadores de aplicativos, eletricitas, artesãos e doceiros. O desemprego é relatado como uma das causas para o avanço dos MEIs. Como indicado pelo nome, o empreendimento é individual: cada trabalhador se torna sua própria empresa, seu próprio patrão e seu próprio funcionário.

Há, nesta abordagem individualizante, uma subjetivação em curso, tecida pelo neoliberalismo, como apontam Dardot e Laval (2016). Trata-se da produção de determinadas formas de se relacionar socialmente, de jeitos de viver. Em outras palavras, é uma reinscrição das formas de existirmos, sempre a partir de um prisma neoliberal. Para Dardot e Laval (2016), o caminho da modernidade como sociedade ocidental deve passar por estas formas de existência, o que colocam da seguinte forma:

Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16).

No livro **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal** (2016), escrito sob o impacto da crise financeira mundial de 2008 e publicado no Brasil em 2016, os autores defendem a tese de que o neoliberalismo é uma racionalidade, tida como estruturante da conduta de governantes e, também, de governados. Mais do que uma forma de restringir a ação do Estado ou de regular os modos de produção, ele é pensado

aqui como um "conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência" (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17). Concursos, prêmios e rankings de empreendedorismo prontamente atestam este clima de rivalidade.

A fim de demonstrar o ambiente político, social e cultural em que se deu a racionalidade neoliberal, convém situarmos historicamente o neoliberalismo. Sua gênese se deu na Grande Depressão, na década de 30, quando um agudo período de recessão econômica tomou conta do sistema capitalista. Dardot e Laval (2016) frisam que não se tratava de uma restauração do liberalismo do século 19, marcado pela limitação da ação governamental e do dogmatismo do *laissez-faire*⁸, mas, sim, de um rompimento.

Em 1938 foi realizado em Paris o Colóquio Walter Lippman, que reuniu intelectuais de todo o mundo, e dali saíram duas grandes correntes neoliberais: a do ordoliberalismo alemão, representado por Walter Eucken e Wilhelm Röpke, e a ala austro-americana, dos teóricos Friedrich Hayek e Ludwig Von Mises. No entanto, a racionalidade liberal apontada por Dardot e Laval (2016) é desenvolvida especialmente nas décadas de 80 e 90 e não corresponde a uma implementação da doutrina construída nos anos 30. Processos heterogêneos contribuíram para configurar uma lógica de mercado que regula o Estado e a intimidade. A novidade, ali, é a valorização da empresa e da concorrência. Esses mesmos autores ainda avançam na discussão sobre o tema. Para eles:

O neoliberalismo não se pergunta mais sobre que tipo de limite dá ao governo político, ao mercado (Adam Smith), aos direitos (John Locke) ou ao cálculo da utilidade (Jeremy Bentham), mas, sim, sobre como fazer do mercado tanto o princípio do governo dos homens como o do governo de si (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 34).

Esse princípio do governo dos homens como o do governo de si, argumentado por Dardot e Laval (2016) acerca do neoliberalismo, revela um outro aspecto importante sobre o papel da linguagem no ambiente virtual. A globalização promoveu mudança significativa na vida humana, principalmente, em decorrência das tecnologias. A

⁸ A expressão francesa refere-se ao liberalismo econômico e à noção de que o mercado deve funcionar livremente, sem interferência.

linguagem *online* sob esse prisma, contribui para a inserção de novas práticas comunicativas que solicitam um sujeito cada vez mais “lautor” (ROJO, 2013a, p. 20), ou seja, um sujeito ativo, criativo e atuante em ambientes presenciais/virtuais, de modo a desenvolver soluções para problemas sociais coletivos, como o desemprego. Cabe a esse sujeito “lautor” (*idem*) buscar, de modo individualizado e criativo, a saída para um problema que o governo dos homens não apresenta solução.

Metodologia

A metodologia deste artigo enquadra-se num enfoque qualitativo, teórico, de caráter interpretativo e desenho não experimental. Foi realizada uma pesquisa documental em sites oficiais de notícias no Brasil – G1, Uol, Folha de São Paulo, Estadão, Terra, BBC, entre outros –, utilizando os termos “desemprego” e “empreendedorismo individual”. O objetivo da busca foi recolher notícias acerca do empreendedorismo individual no Brasil.

Foi selecionada apenas uma notícia que abordava o aumento do desemprego como oportunidade para o empreendedor individual. A notícia foi selecionada por adotar os seguintes critérios estabelecidos na busca: (1) abordar a questão do aumento do empreendedorismo individual no Brasil e (2) considerar o aumento do desemprego no país como oportunidade para desenvolvimento profissional individual.

Os dados foram analisados em uma abordagem descritiva, com o objetivo de contrastar o desemprego como questão coletiva e o posicionamento da mídia em localizá-lo como questão individual de oportunidade para o empreendedorismo. Partiu-se de referências da Linguística Aplicada, da Sociologia e da Filosofia para realizar a análise, que ocorreu nas seguintes etapas: (1) leitura do texto da notícia e diálogo entre autoras sobre os aspectos abordados no texto; (2) destaque de trechos da notícia que pudessem esclarecer a questão a ser abordada e (3) discussão com os referenciais teóricos disponíveis, em busca de aspectos linguísticos que sustentassem a questão levantada.

A análise foi feita a partir dos trechos destacados da notícia, em diálogo constante com elementos das teorias dos três campos teóricos adotados como base. Dessa forma, a reflexão se deu partindo do texto publicado para o aprofundamento teórico sobre a questão levantada.

Homens que se governam

Partindo de Hayek e Von Mises, Dardot e Laval (2016) demonstram que a concepção do indivíduo com um empreendedor inovador nasce de várias linhas de pensamento, o que inclui a adoção de um modelo empresarial utilizado como prática universal. Veremos os efeitos desta subjetivação a seguir.

Dardot e Laval (2016) alertam para o que chamam de "subjetivação contábil e financeira", em que o indivíduo passa a manter com ele mesmo uma relação homóloga à que mantém com o capital, o que resulta em um "capital humano" que deve ser cada vez mais valorizado. Os autores apontam o papel preponderante da educação e da imprensa na difusão deste modelo e de organizações internacionais como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a União Europeia para estimular a formação de um "espírito de empreendimento" por meio dos sistemas educacionais ocidentais.

Como efeito, os sujeitos se tornam "empresas de si mesmos", tomando o termo utilizado pelo consultor norte-americano Bob Aubrey (*apud* DARDOT; LAVAL, 2016, p. 333). Esta subjetivação traz uma ideia de domínio da própria vida em um processo de gestão, em que estratégias adequadas permitem a condução, o gerenciamento e o controle de satisfações e necessidades.

Esta noção atinge os níveis mais íntimos deste indivíduo forjado para se comportar como uma empresa, de forma que sua vida pessoal seja integrada à profissional e também seja conduzida pelos parâmetros de gestão. As relações pessoais e também as de trabalho passam por uma transformação: a atitude multitarefas caracteriza a nova relação com o tempo e com as atividades desempenhadas, agora não mais determinadas por um contrato salarial, mas sim por projetos desempenhados para diversos empregadores. Trabalho, consumo e lazer se tornam empresa (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 336).

Sob tais fundamentos, o desemprego é avaliado como uma oportunidade para o empreendedorismo, e cabe ao desempregado operar esta mudança. A autonomia, representada por esta ação que o indivíduo deve operar sobre si, passa a ser moeda de alta cotação. Cabe a ele "desenvolver 'estratégias de vida' para aumentar seu capital

humano", e esta posição empresarial vale para todos, não apenas os que são empresários ou autônomos. Na esteira deste discurso, proliferam os direcionamentos dados por cursos, *coaching*, programação neurolinguística (PNL), gurus e "escolas" para que se domine as próprias emoções, fortaleça o eu e agregue valor a si (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 337-39). E é dessa maneira que:

Todos, com a ajuda de "consultores em estratégias de vida", dependem dessa formação especializada em empresa de si mesmo, uma formação que permitirá um "autodiagnóstico" em congressos modulares sobre diferentes aspectos do procedimento: "Eu e minhas competências", "Eu e minha maneira de agir", "Eu e meu cenário de sucesso" etc (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 338).

Fica a indagação, porém, sobre como este indivíduo adquire a capacidade empresarial de si. A corrente austro-americana, segundo Dardot e Laval (2016), deposita no mercado a construção de seu próprio sujeito. O homem não saberia se conduzir por natureza, mas, sim, por ter sido exposto a situações de mercado (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 140).

O espírito empresarial seria, portanto, uma faculdade disponível a todos, encontrada em diferentes graus em cada um. O único freio a ele é o Estado, ao travar ou impedir a livre competição (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 136). Não há conciliação possível entre governo e mercado. É sobre este pano de fundo que circulam as modificações trabalhistas pelas quais o Brasil tem passado. Aprovada em novembro de 2017, sob protestos de entidades sindicais e com o argumento de que os altos custos para a contratação formal impediam a criação de empregos, a reforma trabalhista brasileira não gerou, um ano depois, os postos de trabalho esperados. Reportagem da revista *Veja* de 10 novembro do ano passado (FUTEMA, 2018) expôs que o total de desempregados teve redução mínima e as ampliações só foram registradas nas vagas autônomas, intermitentes, temporárias e terceirizadas.

Em julho de 2019, o presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST), ministro João Batista Brito Pereira (ALEGRETTI, 2019), avaliou que "foi um equívoco alguém um dia dizer que essa lei ia criar empregos. Sabidamente ela não consegue criar empregos". Ele completou sua declaração afirmando que é o desenvolvimento da economia que pode gerar novos postos.

Um mês antes da declaração do representante superior para assuntos de trabalho, a Comissão de Aplicação de Normas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) manteve o Brasil na lista de países monitorados por suspeita de ferir a Convenção 98, que estabelece normas para proteger direitos dos trabalhadores. O rol de nações fiscalizadas inclui Etiópia, Iraque, Bolívia, Egito e Turquia, entre outras (OLIVEIRA; D'AGOSTINO, 2019). A inspeção da OIT veio a pedido de entidades e sindicatos ligados a trabalhadores, que afirmam que as mudanças foram aprovadas sem consultar os principais atingidos (OIT, 2019). A reforma brasileira alterou 117 artigos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (OLIVEIRA; D'AGOSTINO, 2019).

Além disso, a entrada no mercado de trabalho formal tem sido adiada para os brasileiros. Levantamento da consultoria iDados (COSTA e BARBOSA, 2019) feito com dados de 2017 da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) demonstrou que o ingresso só acontece aos 28,6 anos. Entre 2006 e 2014, a idade média do primeiro emprego com carteira assinada era de 25 anos.

Neste cenário, o abismo entre ricos e pobres se alarga no Brasil. Dados do IBGE (DESIGUALDADE entre ricos e pobres é a mais alta registrada no Brasil, 2019) demonstraram que a desigualdade em 2018 atingiu seu mais alto patamar. Enquanto 2,1 milhões de cidadãos – 1% da população – ganharam mensalmente R\$ 27.744, mais de 100 milhões tiveram um rendimento de R\$ 820 por mês. Os 30% mais pobres do país – cerca de 60 milhões de pessoas – viram uma redução de seu rendimento mensal em até 3,2%, enquanto o 1% mais rico obteve aumento de 8,4% no rendimento entre 2017 e 2018.

Nesta discrepante relação de desigualdade, o desemprego e a informalidade têm papel central: de acordo com levantamento feito pela Pesquisa do Centro de Estudos da Metrópole (CEM-Cepid/Fapesp), a partir de dados do IBGE (SIMÕES, 2019), o aumento do trabalho informal e menos protegido desde 2016, e a consequente redução do recebimento de rendimentos eventuais, como férias e décimo terceiro salário, são alguns dos motivos do distanciamento econômico entre ricos e pobres.

Esse distanciamento também é presentificado quando do uso das tecnologias e da linguagem empregada em determinados ambientes. A realidade social da maioria dos brasileiros mantém, em parte, o distanciamento dos usos das tecnologias, sendo que o

discurso do saber, do poder e da autonomia não é para todos. Foucault (1997, p. 71) salientava a necessidade de verificarmos como funcionam as estruturas de poder e como essas relações de sujeição podem fabricar sujeitos que obedecem a determinadas lógicas de poder. Nesse sentido, a notícia veiculada no site UOL Meu Negócio, em 2017, projeta conexões entre sujeitos (local e global) em linguagem mista (padrão e informal), carregadas de sentidos ideológicos, como fosse fácil a (quase) todos tornarem-se empreendedores e terem um negócio virtual.

Ademais, no neoliberalismo vigente, a relação entre desigualdade e mercado é ignorada, conforme denunciadas por Dardot e Laval (2016). O aprendizado, a livre concorrência e o acesso ao conhecimento se encarregam de estabelecer um equilíbrio, conforme discutem:

O desequilíbrio econômico se deve à ignorância mútua dos participantes potenciais do mercado. Estes últimos não veem de saída as oportunidades de ganhos mútuos, mas uma hora ou outra acabam por descobri-las. Ignoram as oportunidades, mas estão dispostos a descobri-las. O processo de mercado não é nada mais do que a sequência de descobertas que os tiram desse estado de ignorância. Esse processo de descoberta é um processo de equilíbrio (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 147-148).

Em retorno à notícia que encarna nossa reflexão, pontuamos outro furo nesta narrativa que se pretende universalizante:

Figura 2: Saiba como aplicar o seu dinheiro

Saiba como aplicar o seu dinheiro

Utilizar as economias para dar o pontapé inicial no novo empreendimento é uma escolha coerente, porém é necessário que a aplicação seja **feita com cuidado** para que não acabe deixando você no prejuízo.

“Primeiro, se decidiu usar o dinheiro da rescisão do trabalho para abrir um negócio, ponha esse dinheiro em alguma aplicação rentável até o momento do investimento”, aconselha Ruy Barros, consultor do Sebrae-SP.

Além disso, atente-se para outras obrigações que podem exigir parte desse dinheiro, como despesas pessoais ou familiares. Não invista toda a grana de uma vez só!

“Por meio de um planejamento eficaz, o futuro empreendedor consegue visualizar os investimentos e quanto do dinheiro poderá dispor em um novo negócio, e, principalmente, em que momento vai dispor desse dinheiro”, completa o consultor.

Fonte: UOL Meu Negócio, 2017

Parte-se do pressuposto de que o futuro empreendedor possua uma reserva de dinheiro ou uma rescisão paga pelo trabalho anterior, o que certamente não ocorre quando o emprego é informal. Ademais, é frequente, na imprensa, a exibição de histórias de pessoas que empreenderam após a perda de uma vaga; porém, como espectadores, não temos a possibilidade de descobrir se tal empreendimento permanece como sustento daquele personagem e de sua família pelos três, cinco ou dez anos seguintes. Seis em cada dez empresas abertas no Brasil fecham após cinco anos de existência no mercado, segundo relatório do IBGE (SEIS, 2019), o que demonstra que metade dos empreendimentos nasce com data de validade.

Com o passar dos anos, presume-se também que os homens-empresa necessitem de cuidados médicos e queiram desfrutar de fins de semana, feriados ou férias. Há garantia de recursos financeiros para tal?

Uma “empresa” adoecida

Como podemos observar nos dados expostos acima, o sujeito forjado pelo empreendedorismo é o único responsável por seu desemprego e pela busca de novas alternativas, em uma ênfase na ação individual que isenta o Estado. É este sujeito quem deve encontrar a solução para todo e qualquer infortúnio que atravessar sua vida, sem afetação pelo ambiente em que vive e pelas relações que tece. A sociedade deste século não mais responde pelos parâmetros da disciplina e os substitui pelo desempenho, como observa o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, ao salientar que "também seus habitantes não se chamam mais 'sujeitos da obediência', mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos" (HAN, 2016, p. 23).

Trabalha-se mais, mostra-se mais, divulga-se mais, valoriza-se mais. No regime concorrencial dos homens-empresa, o capital humano está em incessante busca por seu "lugar ao sol" prometido pelo neoliberalismo. O paradigma do desempenho veste com perfeição a missão de elevar a produtividade (HAN, 2016, p. 23). Mas esta equação não consegue prescindir do esgotamento e do adoecimento*. Para Han (2016, p. 27), a

depressão⁹ surge quando o sujeito de desempenho não pode mais **poder**, um cansaço de **fazer** e de **poder**. Como é possível notar, os destaques feitos nas palavras de Han (2016) abaixo trazem características da notícia que discutimos aqui:

A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa **sociedade que crê que nada é impossível**. Não-mais-poder-poder leva a uma **autoacusação** destrutiva e a uma autoagressão. O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o **excesso de positividade**. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma (HAN, 2016, p.27, ênfase adicionada).

As perdas individuais contaminam, por consequência, as relações sociais. O homem empreendedor assume o lugar do cidadão que porta uma responsabilidade coletiva. É um sujeito a quem a sociedade não deve nada, "aquele que 'tem de se esforçar para conseguir o que quer' e deve 'trabalhar mais para ganhar mais'" (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 381). Trata-se uma relação subvertida entre governantes e governados. A cidadania construída nos países do Ocidente desde o século 18 é questionada em seu âmago. Direitos como os da proteção social, advindos da democracia política, são questionados:

Nada de direitos se não houver contrapartidas" é o refrão para obrigar os desempregados a aceitar um emprego inferior, para fazer os doentes ou os estudantes pagarem por um serviço cujo benefício é visto estritamente como individual, para condicionar os auxílios concedidos à família às formas desejáveis de educação parental. O acesso a certos bens e serviços não é mais considerado ligado a um status que abre portas para direitos, mas o resultado de uma transação entre um subsídio e um comportamento esperado ou um custo direto para o usuário (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 380-381).

Para se ter uma ideia deste processo de enfraquecimento da cidadania, o Monitor do Debate Político no Meio Digital, realizado em setembro de 2019, por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), entrevistou 1.144 pessoas em São Paulo para descobrir a aderência da população a 22 afirmações que ilustram posições progressistas

⁹ Sobre adoecimento e neoliberalismo, ver também a coletânea de artigos **Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico** (Autêntica, 2018).

e conservadores sobre questões relevantes do debate público dos últimos 25 anos (PESQUISA de opinião: Como as guerras culturais afetam a opinião da população?, 2019).

Quando questionados se concordam com a afirmação de que "os direitos humanos atrapalham o combate ao crime", responderam afirmativamente 11% dos pesquisados agrupados como "progressistas", 48% dos entrevistados enquadrados como "punitivistas laicos" e 66% dos "conservadores religiosos". Perguntados se concordam que "o Bolsa Família estimula as pessoas a não trabalhar", a resposta foi "sim" entre 9% dos "progressistas", 58% dos "punitivistas laicos" e 63% dos "conservadores religiosos" (PESQUISA de opinião: Como as guerras culturais afetam a opinião da população? 2019).

Reportagem da BBC News Brasil (FERNANDES, 2018) apurou que as nações ricas que integram a OCDE gastavam à época, em média, 1,6% do Produto Interno Bruto (PIB) em prestações de assistência social condicionadas a um limite de renda dos beneficiários, como o programa Bolsa Família. Os recursos eram transferidos para ajudar na subsistência e lutar contra a pobreza. No Brasil, a iniciativa representava cerca de 0,5% do PIB em 2018.

Em outro exemplo, o movimento de greve, assegurado como um direito ao trabalhador, é categorizado por setores da sociedade como uma ação de "vagabundos" e "preguiçosos". Foi esta a retórica do então prefeito de São Paulo João Dória em 2017, durante uma entrevista à Rádio Jovem Pan, sobre a greve geral convocada em abril daquele ano para protestar contra as reformas trabalhista e da Previdência: "Acordo cedo e trabalho. Não sou grevista, que dorme, é preguiçoso e acorda tarde. Eu não sou Jaiminho, não." Mais adiante, acrescentou: "Volto a dizer a esses grevistas, que quiseram inclusive bloquear meu acesso, que acordem mais cedo. Vagabundos!" ("NÃO sou grevista, que dorme, é preguiçoso e acorda tarde; não sou Jaiminho", diz Doria, 2017).

Como pode se depreender das situações expostas acima, o desemprego no Brasil é realçado pela precária ou inexistente rede de suporte para que o empregado se reerga e obtenha êxito em uma outra relação empregatícia. Via linguagem, o desempregado, até então inserido em uma cadeia de comando e de divisão de tarefas,

passa a ser tratado, mesmo sem o preparo necessário, como um empregador de si mesmo.

Fato é que o sujeito (super)especializado, empregador de si mesmo, é uma realidade cada vez mais presente na sociedade neoliberal. As mídias revisitaram a(s) linguagem(ns) e o texto foi revisitado. O conceito bakhtiniano de gêneros discursivos como formas relativamente estáveis de enunciados está, constantemente, sendo revisado diante da fluidez e das virtualidades mutantes geradas pelas mídias (BARTON, LEE, 2015, p. 31) ao se tornarem multimodais (KRESS, VAN LEEWAN, 1996; 2006) e interativas. O sujeito, dentro dessa microfísica de poder (FOUCAULT, 2013), conforme analisado na notícia – propagandística – do UOL Meu Negócio (2017), ao mesmo tempo que promove o poder soberano individual do sujeito, mantém sob sua égide o poder regulador e disciplinador desse mesmo sujeito, já que não disponibiliza ferramentas concretas para ele se tornar, de fato, empreendedor.

Considerações finais

A subjetivação deste homem-empresa¹⁰, como exposta acima, demonstra a fratura do processo coletivo de vida em sociedade e a individualização dos problemas por que passa cada sujeito. Atribui-se poder e valor àqueles que correspondem ao projeto de competição e enfraquecimento a todos aqueles que representem resistência à gestão de si mesmos. A marginalização é acentuada, assim como a diferenciação entre "os que conseguem" e "os que fracassam".

Como efeito, trabalho e sucesso assumem um papel exacerbado na constituição desses sujeitos e a ausência deles coloca em xeque toda uma existência. Por não ser assegurado por instâncias como o Estado ou a cidadania, o ofício de trabalhar se transforma em conquista restrita de quem é bem-sucedido como homem-empresa.

Ao verificar a linguagem referida ao desemprego e ao consequente empreendedorismo, procuramos identificar as transformações subjetivas em pauta e colocá-las em um questionamento perante a insuficiência e/ou falência do que é

¹⁰ Fazemos referência aqui ao conceito de **sujeito-empresa** cunhado por Dardot e Laval. É este homem fruto da subjetivação do neoliberalismo, "instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa (DARDOT; LAVAL, 2016, P.16)

propagado. A suposta capacidade empreendedora dos sujeitos é anunciada como poder generalizado, disponível a todos, e o exame do neoliberalismo feito por Dardot e Laval permite que instalemos não só ressalvas, como também possamos demonstrar os efeitos nocivos desta subjetivação.

Ainda refletindo sobre a linguagem, ancorados em Barton e Lee (2015), o estudo do texto no ambiente virtual e a linguagem empregada tornaram-se complexas, bem como o conceito de autor, autoria, leitor e público. Os gêneros discursivos articulados por Bakhtin ([1954] 2016) se tornaram híbridos na *web*, entretanto, a responsividade ativa continua sendo fundamental ao pensar como as linguagens atuam como instrumento de poder, já que ao tornarem-se fluidas, como no caso da notícia analisada, os sentidos e os significados empregados merecem estudos aprofundados sobre as fronteiras ultrapassadas pelas linguagens nas diferentes mídias.

Considerações feitas, recorremos à arte para nos emprestar a sensibilidade possível ao que comparece como padrão imperfurável. No filme **Eu, Daniel Blake**, de Ken Loach (2016), o protagonista enfrenta inúmeras dificuldades para conseguir um emprego. A saga é dolorosamente intensificada pela supressão de direitos. Blake sintetiza a impossibilidade da gestão do que é humano:

Não sou cliente, consumidor ou usuário do serviço. Não sou preguiçoso, parasita, mendigo nem ladrão. Não sou um número de CPF ou um clique numa tela. Paguei o que devia com orgulho, nada a menos. Não empino o nariz, mas olho meu vizinho nos olhos e ajudo se puder. Não aceito nem peço caridade. Meu nome é Daniel Blake. Sou um homem, não um cão. E, como homem, exijo meus direitos. Exijo que me tratem com respeito. Eu, Daniel Blake, sou um cidadão. Nada mais e nada menos (LOACH, 2016).

Referência

ALEGRETTI, L. Reforma trabalhista: 'Foi um equívoco alguém um dia dizer que lei ia criar empregos', diz presidente do TST. BBC News Brasil, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48839718>>. Acesso em: 25 out 2019.

ALVARENGA, D. País já tem 8,1 milhões de microempreendedores formais; veja atividades em alta entre MEIs. G1 Notícias, 3 abr. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/04/03/pais-ja-tem-81-milhoes-de->

microempreendedores-formais-veja-atividades-em-alta-entre-meis.ghtml>. Acesso em: 25 out 2019.

APROVEITE o momento para empreender. Saiba como! UOL Meu Negócio, 2017. Disponível em: <<https://meunegocio.uol.com.br/academia/e-commerce/foi-demitido-aproveite-a-oportunidade-para-comecar-seu-proprio-negocio.html#rmcl>>. Acesso em: 15 out 2019.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, [1953-1954] 2016.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. p. 129-142. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

COSTA, D.; BARBOSA, D. Brasileiro só consegue o primeiro emprego com carteira assinada, em média, após os 28 anos. O Globo, 12 mai. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/brasileiro-so-consegue-primeiro-emprego-com-carteira-assinada-em-media-apos-os-28-anos-23659774>>. Acesso em: 20 out. 2019.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 413. Tradução de Mariana Echalar.

DESIGUALDADE entre ricos e pobres é a mais alta registrada no Brasil. DW. 16 out. 2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/desigualdade-entre-ricos-e-pobres-%C3%A9-a-mais-alta-registrada-no-brasil/a-50860552>>. Acesso em: 23 out. 2019.

EU, Daniel Blake. Direção de Ken Loach. Reino Unido, França, Bélgica: Imovision, 2016. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/br>. Acesso em: 23 out. 2019.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: LOPES, L. P. M. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, 45-66.

FERNANDES, D. Como funcionam programas nos moldes do 'Bolsa Família' nas 10 maiores economias do mundo. BBC News Brasil. 8 dez. 2018. [Notícia online]. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45897725>>. Acesso em: 15 out. 2019.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013, p. 263.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

FUTEMA, F. Um ano depois, reforma trabalhista não gera empregos esperados. Revista Veja. 10 nov. 2018. [Notícia online]. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/um-ano-depois-reforma-trabalhista-nao-gera-empregos-esperados/>>. Acesso em: 25 out. 2019.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. [1996] **Reading images**: the grammar of visual design. 2. ed. London: Routledge, 2006.

MENEZES, p. 5 gráficos para entender as manchetes sobre o mercado de trabalho. InfoMoney. 28 set. 2019. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/colunistas/pedro-menezes/5-graficos-para-entender-as-manchetes-sobre-o-mercado-de-trabalho>>. Acesso em: 25 out. 2019.

"NÃO sou grevista, que dorme, é preguiçoso e acorda tarde; não sou Jaiminho", diz Doria. 28 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EVdlsQlrbKM>>. Acesso em: 25 out. 2019.

OIT volta a analisar se reforma trabalhista tira direitos dos trabalhadores. UOL. 10 jun. 2019. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/06/10/oit-volta-a-analisar-reforma-trabalhista.htm>>. Acesso em: 23 out. 2019.

OLIVEIRA, M. e D'AGOSTINO, R. OIT mantém Brasil em lista de países monitorados e pede dados sobre reforma trabalhista. G1 Notícias. 19 jun. 2019. [Notícia online]. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/19/oit-mantem-brasil-em-lista-de-paises-monitorados-e-pede-dados-sobre-reforma-trabalhista.ghtml>>. Acesso: 23 out. 2019.

OLIVEIRA, P. W. S.; LEONE, R. J. G. Gestão estratégica de benefícios: proposição de um modelo matemático para assistência médica dos funcionários. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, mar/abr. 2008, v. 9, n. 2, p. 104-127. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 6 nov. 2019.

PESQUISA de opinião: Como as guerras culturais afetam a opinião da população? USP, 2019. [Notícia online]. Disponível em: <<https://www.monitordigital.org/2019/10/23/pesquisa-municipal-outubro-19/>>. Acesso em: 25 out. 2019.

QUANTIDADE de MEIs aumenta. Saiba mais sobre as vantagens. SEBRAE. 2019. [Notícia online]. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/pb/artigos/quantidade-de-meis-aumenta-saiba-mais-sobre-as-vantagens,1c18e52dfab2a610VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 25 out. 2019.

RENAUX, P. Desemprego cai para 11,8% com informalidade atingindo maior nível da série histórica. Agência IBGE notícias. 27 set. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25534-desemprego-cai-para-11-8-com-informalidade-atingindo-maior-nivel-da-serie-historica>>. Acesso em: 20 out. 2019.

ROJO, R. Fazer LA em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. *In*: LOPES, L. P. M. (org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 253-276.

_____. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. *In*: ROJO, R. (org.). **Escol@ Conectada: os Multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola Editorial. 2013a. p. 7-32.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003b.

SEIS em cada dez empresas fecham em cinco anos de atividade, aponta IBGE. Revista Veja. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/seis-em-cada-dez-empresas-fecham-em-cinco-anos-de-atividade-aponta-ibge/>>. Acesso em: 23 out. 2019.

SIGNORINI, I. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a LA contemporânea. *In*: LOPES, L. P. M. (org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, 169-190.

SIMÕES, J. Cresce a desigualdade de renda no Brasil. Jornal da USP. 27 set. 2019. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/com-aumento-do-trabalho-informal-cresce-desigualdade-de-renda-no-brasil/>>. Acesso em: 25 out. 2019.

Recebido em 25 de agosto de 2020
Aprovado em 20 de outubro de 2020